



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE  
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

## **ACOLHER PARA APRENDER: A AFETIVIDADE COMO CAMINHO PARA FORTALECER A AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS DO/NO CAMPO**

Eixo: Práticas Pedagógicas e Currículo Escolar

Subprojeto: Pedagogia

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

**Eloisa Bacelar dos Santos** (barcelareloisa@gmail.com); **Heloisa Lobo Ribas** (lulinharibas7@gmail.com) **Iasmin Campos da Silva** (nimsai14uefs@gmail.com); **Jackeline Shirley Barbosa da Luz** (jackeline.luz@seduc.feiradesantana.ba.gov.br); **Yasmin Sousa Miranda** (yasminmiranda1415@outlook.com)

**Palavras-chave:** Afetividade; Aprendizagem; Autoestima; Crianças negras do campo.

### **1 INTRODUÇÃO**

Quando nos referimos ao processo de ensino e aprendizagem de uma criança, é necessário considerar tanto aspectos do seu crescimento quanto do seu desenvolvimento. Segundo Schettini (1997), essas dimensões, embora possuam especificidades próprias, inter cruzam-se e se complementam nesse processo. Partindo deste pressuposto, compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem significativos versa pelas relações interpessoais, sociais e culturais e que essas relações precisam envolver afeto e pertencimento, sobretudo quando se trata de crianças negras, pobres e do campo, que em uma sociedade estruturalmente racista, elitista, urbanocêntrica e adultocêntrica como a brasileira, compõem a base da pirâmide.

Deste modo, objetivamos neste relato apresentar a nossa percepção sobre a importância da afetividade e do pertencimento no processo de ensino e aprendizagem de crianças negras do campo. As experiências e reflexões aqui apresentadas são motivadas a partir da nossa atuação enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, a partir do subprojeto de Pedagogia, vinculado a Universidade Estadual de

Feira de Santana – UEFS, que parte da proposta de trabalho com a Educação do campo na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais.

Neste sentido, o presente relato de experiência justifica-se pessoal, social e cientificamente, respectivamente, pelas nossas experiências pessoais de afeto e acolhimento nas relações professor-aluno enquanto estudantes do ensino fundamental; por contribuir com uma educação mais humana que envolve a formação de sujeitos mais seguros, empáticos, criativos e colaborativos e pela necessidade de práticas consubstanciadas nas Diretrizes Operacionais para Educação do Campo, a Lei 10.639/03 e em teóricos que orientam ações intencionais que revertam quadros de insegurança, promovendo o desenvolvimento emocional e cognitivo.

Desta forma, as práticas que fortaleceram nossos vínculos com as crianças aqui apresentadas estão embasadas nos estudos de Schettini (1997), acerca do processo de aprendizagem de crianças de 6 a 10 anos; Pozo (2008) que trata de uma visão educativa que vai além do modelo tradicional de transmissão de conhecimento, e bell hooks (2013) que inspirada por Paulo Freire, apresenta a educação como prática da liberdade como um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.

## 2 METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Raul Ribeiro de Oliveira, localizada na comunidade de Fazenda Água Grande, Distrito de Maria Quitéria, área rural da cidade de Feira de Santana, durante o primeiro semestre letivo do ano de 2025, com duas turmas, quarto e quinto ano, que compõem os anos iniciais do ensino fundamental.

Para realização das propostas de intervenção adotamos os seguintes procedimentos: 1) Participação na Jornada Pedagógica; 2) Conhecimento da comunidade externa: na primeira visita conversamos com uma das professoras fundadoras da escola. Conversamos sobre a formação da comunidade e sua relação atual com a escola e, também, dialogamos com uma das primeiras merendeiras, que lembrou com afeto o período e os desafios da época. Visitamos o famoso boi da comunidade (Brilhoso) que é sucesso em evento agropecuário do município e, posteriormente, conhecemos mais sobre a pecuária local, uma das principais atividades econômicas da região; 3) Apreciação dos documentos que regem a escola; 4) Observação da dinâmica escolar e diálogo com a professora regente das turmas; 5) Apresentação das bolsistas à turma; 6) Observações participantes; 7) Realização de atividades de intervenção planejadas a partir das vivências e sinalizações do cotidiano escolar: a) na turma do quinto ano, quando iniciamos as atividades, uma estudante da turma havia falecido e a turma estava extremamente abalada. Os conflitos emocionais estavam acarretando

momentos de desentendimentos constantes na turma sempre que lembravam da colega. Alguns preferiam que o nome dela não fosse mencionado, enquanto outros preferiam estar trazendo à memória. Diante disso, desenvolvemos uma atividade reflexiva a partir do livro infantil “A árvore das lembranças”, de Britta Teckentrup, onde as crianças puderam falar o que estavam sentindo e nomear tais emoções, tornando o clima mais harmônico.

No decorrer das atividades, observamos que as crianças apresentavam insegurança para realizar a leitura. Diante disso, desenvolvemos rodas de leitura, partindo da proposta apresentada pela professora, intitulada “leitura com fluência”, que surge a partir de um programa (Caminhos da Educação) elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do município. A proposta é voltada para a melhoria da fluência leitora das crianças. Essas atividades têm ocorrido semanalmente desde maio de 2025 e seguem em desenvolvimento até o presente momento, garantindo a continuidade e o aprofundamento do trabalho afetivo e pedagógico.

Observamos que, em pequenos grupos, as crianças *perdem* a vergonha de errar. Esse conforto vem do nosso incentivo contínuo e do vínculo afetivo que construímos com elas no dia a dia. b) Com a turma do quarto ano, oferecemos um apoio mais individualizado nas atividades. Além disso, incentivamos a escrita e a valorização da cultura local, propondo que eles conversassem com suas famílias e comunidade e trouxessem relatos escritos sobre como vivenciam o período junino.

Logo após, as crianças foram convidadas a transformarem os relatos em desenhos e numa folha de papel em forma de bandeirolas representaram como celebram esse momento. Resultando em um lindo compartilhamento de experiências e uma decoração autêntica do espaço escolar.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As propostas iniciais não tiveram a afetividade como objetivo central. Contudo, ao longo das intervenções e das nossas reflexões coletivas, passamos a perceber o papel significativo que as relações afetivas desempenharam no fortalecimento da autoestima das crianças e como isto impacta no processo de aprendizagem pois, “o desenvolvimento [...] ocorre de forma integrada: a mente e as emoções correm num movimento de completação e integração [...] necessidade de afeição é um dos marcos fundamentais da estrutura humana do desenvolvimento” (Schettini, 1997, p. 28). Durante as atividades de leitura compartilhada, os estudantes apresentavam-se tímidos ou, muitas vezes, recusavam realizar a leitura, mesmo que uma palavra. Com a implementação dos momentos de leitura, identificamos que parte da turma ainda se encontrava em consolidação do processo de alfabetização. Essa prática dialoga

com a perspectiva apresentada por bell hooks (2013, p. 10-11), quando ela afirma que “a educação, em sua forma mais poderosa, deve ser entendida como prática da liberdade, especialmente quando se reconhece que o ato de educar é profundamente político e afetivo, capaz de construir pontes entre sujeitos e saberes, resistindo às lógicas de dominação e criando espaços nos quais os estudantes possam se expressar sem medo, reconhecendo-se como seres capazes e dignos”. Acreditamos que ao serem acolhidos em um espaço de menor exposição, foi possível expressar suas potencialidades sem o receio de “errar” diante da turma.

No que tange à atividade das narrativas do período junino, destacamos uma maior aproximação entre os pares como também a identificação com cada relato, uma vez que nossas experiências nunca são essencialmente individuais, carregamos sempre um pouco do outro ainda que distintos somos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que não existe educação tampouco aprendizagem sem o afeto. Se os nossos alunos são, infelizmente, capazes de carregar experiências negativas na escola, em contrapartida podemos fazer o caminho inverso: gerar experiências positivas que irão reverberar no compartilhar de conhecimentos e numa boa aprendizagem.

O lugar do afeto nunca foi opcional ou coadjuvante em nossas práticas, uma vez que, enquanto professoras em formação inicial, entendemos que aprender não é uma via de mão única. Aprendemos com eles e também mediamos o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, fazendo sempre menção do lugar imprescindível dessas crianças no mundo, a partir de quem são e de onde estão: no campo, o lugar de vida, movimento e conhecimento.

#### REFERÊNCIAS

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem** / Juan Ignacio Pozo; tradução Ernani Rosa. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

SCHETTINI, Filho Luiz. **A criança de 6 a 10 anos: na família e na escola** / Luiz Schettini Filho: Recife: Bagaço, 1997.